

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Entre o Sagrado e o Profano: O Patrimônio Imaterial da Festa de Santo Amaro(RS)

Angelita da Rosa*

Resumo: Na pequena localidade de Santo Amaro, no centro da Vila, está a imponente igreja inaugurada em 1787, a qual faz parte do maior conjunto arquitetônico luso-açoriano tombado pelo IPHAN no RS, cujo nome do padroeiro batiza a comunidade.

Em 1814, surge a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Amaro, que promove a fé (o sagrado) e as festividades (o profano), sendo uma tradição repleta de ritos e significados.

Objetiva-se, portanto, estudar e inventariar o patrimônio imaterial dos festejos, juntamente com seu povo, sua história, suas procissões, entre outros, pois se percebe que as manifestações simbólicas misturam aspectos míticos com identidade cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial, História, Santo Amaro

Abstract: In the small locality of Santo Amaro in downtown village is the imposing church inaugurated in 1787 which is part of the major luso-açoriano architectonic set registered by IPHAN in RS, whose patron saint's name baptizes the community. In 1814 arose the Irmandade do Santíssimo Sacramento and Santo Amaro that promotes the faith (the sacred) and the festivities (the profane) being a tradition full of rites and meanings. Its aim is, therefore, to study and make an inventory of the immaterial patrimony of festivities together with its people, its history, its processions among others because it's observable that symbolic manifestations mix up mythical aspects with cultural identity.

Key words: Immaterial patrimony, History, Santo Amaro

1. A Vila de Santo Amaro: um rápido histórico

O povoamento português do RS está intimamente ligado às relações de disputas com a Espanha, em especial pós-tratado de Madrid, de 1750. Assim, passam a existir pontos estratégicos de defesa e ocupação no Brasil Meridional.

Nessa fase surgem vários povoamentos e fortificações para a proteção das terras em litígio, sendo o caso de Rio Grande, Rio Pardo, Taquari, Triunfo e Viamão, entre outros. No estudo em questão, ou seja, Santo Amaro, a Vila surge em torno de um fortim, fundado em 1752.

* Diretora Técnica da Casa de Cultura de Venâncio Aires. Especialista em Educação e Patrimônio Histórico e Cultural (FAPA/ Porto Alegre), Especialista em Museologia (UNIFRA/ Santa Maria), Especialista em Museologia e Patrimônio Cultural (UFRGS/ Porto Alegre).

À beira do Rio Jacuí, Santo Amaro foi, ao longo do século XVIII e XIX, uma comunidade construída em torno das relações sociais, políticas, econômicas e religiosas que permearam a ocupação do Rio Grande do Sul. Crescendo em torno de sua Igreja, teve em sua povoação pessoas que fizeram da localidade uma das primeiras do estado, recebendo influências de várias etnias, em especial luso-açorianos, que deixaram suas características na arquitetura da atual Vila e nos traços de identidade cultural da comunidade.

Na localidade foram destinadas sesmarias para militares, a partir de 1754, entre os quais estão Francisco Xavier de Azambuja (genro de Jerônimo de Ornellas), Antonio de Brito Leme, Lourenço Bicudo, José Raimundo Dornelles entre outros. Além destes, ocorre o envio de casais advindos do Arquipélago dos Açores, cerca de um ano depois. Através de uma provedoria, assinada por Antonio José de Moura, se verifica a vinda de casais açorianos também para o Porto de Ornellas e Rio Pardo.¹, sendo que em 1758, estes casais foram registrados pelo então Padre da Paróquia de Viamão, Tomás Clarke, sendo que os nomes destes casais estão no rol de confessados da paróquia de Triunfo.

Com a distribuição das terras, sob forma de sesmarias e datas, iniciou-se a construção de casas, começando assim a formação de um meio urbano. Para organizar a Vila, foi solicitado ao então engenheiro Alexandre José Montanha que demarcasse ruas, casas, praça e também o lugar da Igreja.²

A Capela da Vila, primeiramente foi subordinada a paróquia de Triunfo até o ano de 1763, quando é elevada à Capela Curada. Em 1773 é criada a Paróquia e quatorze anos depois, em 1787, é inaugurada a Igreja Matriz de Santo Amaro. (RODRIGUES, 1994:63)

O templo é construído em torno da projeção de demarcação da Vila, encomendada ao então engenheiro Montanha como é declarado na seguinte provisão: “Delimitará a praça e ruas e assim mesmo demarcará a Igreja e o lugar dela, com o concurso daquele Reverendo Vigário. (...). Porto Alegre, 19 de setembro de 1774”.³

A Igreja está localizada em uma colina na sede da Vila, ao lado dela se encontra uma construção denominada Império do Divino Espírito Santo. Tem-se nisso a presença cultural luso-açoriana, pois este tipo de construção aparece, com frequência, em locais com influências portuguesas. Segundo Cletison: “Os Impérios do Divino, são os edifícios onde está exposto à visitação e veneração, a coroa imperial e outro símbolo do culto ao Divino Espírito Santo”.(CLETISON, 2006:3)

¹ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - AHRGS. Códice 1180- Provedoria 1765/74. fls. 25-26

² Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul AHRGS. Códice F1180. maço 1765-74. fls 211 a 230.

³ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - AHRGS -Códice F1180 - Provedoria da Real Fazenda - maço 1765. pg.229-230

No século XIX, mais precisamente em 1814, é fundada a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Amaro, através do trabalho desta organização que a Igreja foi mantida ao longo dos anos, alimentando a fé em torno do padroeiro.

Percebe-se que se aproximando da Irmandade, a comunidade consegue uma participação mais efetiva junto à Igreja, e vice-versa, pois a partir desta instituição as leis da Igreja teriam maior alcance na população local.

A festa em celebração ao padroeiro acontece, historicamente, sempre no dia 15 de Janeiro. Segundo RODRIGUES (1994:87), na Vila também aconteciam procissões em torno de Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo e Santo Amaro, validando ainda mais a presença do Império, até os dias de hoje ao lado da Igreja Matriz.

Assim, é notória a grande representatividade da Igreja na vida do povoado de Santo Amaro, desde o século XVIII, pois os rituais religiosos como o batismo, casamento e óbito eram realizados pela via religiosa até o início da República. Portanto, a única forma de registro das pessoas ficava a cargo da Igreja.

Segundo Rodrigues, em 1881, é instalado o município de Santo Amaro. Mas, no entanto, essa história não obteve o sucesso desejado.

Em meados do século XX, mais precisamente em 1939, o governo federal cria o Arsenal de Guerra no distrito de Margem, que passa à categoria de município com o nome de General Câmara. Com isso, Santo Amaro é rebaixado à Vila e torna-se parte do território do novo município.

2. A Igreja e a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Amaro:

As Irmandades são associações formadas por leigos e que se dedicam “ao incremento e devoção aos santos e santas da Igreja Católica (...) concorrendo para a organização da vida religiosa da população ficasse, em grande medida, a cargo dessas organizações. Foram elas que dinamizaram o incremento do culto católico pelas diversas regiões do vasto território.” (ISHAQ, 2007:1)

Como já referido, a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Amaro é criada no início do século XIX, e desde então é o principal elo entre os religiosos e os leigos. Algo instigante é a quantidade de terras de que a Irmandade é proprietária, sendo as mesmas oriundas de doações feitas ao Santo Amaro, e tutoradas pela Irmandade de Santo Amaro.

Ao longo do processo da preparação e festa de Santo Amaro, se percebeu a distinção e as honras em ser membro da Irmandade. O uso do traje vermelho, sobre a roupa,

foi uma marca importante, bem como o local de assento dos “irmãos”, junto ao padre ao longo da missa campal.

A compreensão do processo de escolha dos membros, bem como a análise dos estatutos e regras da Irmandade não são objetivos desta pauta, por isso, serão desenvolvidos em outro momento, com maior aprofundamento

O entendimento da relação tácita entre os membros da Irmandade e todo o desenvolvimento da Festa em honrarias ao padroeiro é parte deste. Com isso, pretende-se apresentar um exemplo da cultura popular, onde existam as reflexões sobre o processo e as produções dessa imaterialidade, sendo assim assunto para um trabalho educativo que irá aproximar as pessoas de seu patrimônio, tanto material como imaterial.

3. A festa de Santo Amaro: patrimônio imaterial x identidade cultural

É possível preservar uma “graça” recebida? É possível tomar os “sete dons do espírito santo”? Certamente não. Mas é possível, sim, preservar e, por meio do registro e acompanhamentos, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários, etc. É nessa direção que caminha a noção recente de “patrimônio intangível, nos recentes discursos brasileiros do patrimônio” (GONÇALVES, 2004: 4)

Dia 15 de janeiro de 2007, segunda-feira. A pequena Vila de Santo Amaro parece transformada: há muita gente pelas ruas, contrastando com a calma e a pasmeira dos outros dias do ano. O gramado em torno da Igreja repleto de barracas, que vendem de tudo, além de muitas cadeiras, onde as pessoas de mais idade buscam uma sombra para se abrigarem do sol escaldante. A música, em volume elevado no salão paroquial, chama a atenção e, ao entrar, a imagem é a de uma massa humana que dança numa mesma cadência de maneira inacreditável, frente ao calor que detona a transpiração e seus consectários. Tudo isso em pleno dia útil.

Essas experiências foram vivenciadas neste ano, quando foi possível acompanhar todo o desenrolar das festividades em torno do Santo Padroeiro da localidade. É claro que esse contato com a comunidade iniciou-se muito antes, através da execução do Projeto “Igreja da Vila de Santo Amaro”, implementado pelo Núcleo de Cultura de Venâncio Aires no fim do ano de 2005, e que buscou a recuperação arquitetônica da Igreja, acompanhada de pesquisas históricas e arqueológicas.

Na realidade, o grande objetivo é realizar o registro e a análise para salvaguardar as manifestações do patrimônio imaterial da Festa de Santo Amaro (as rezas, as procissões, a

culinária, entre outros), sua história e suas contextualizações através dos anos, criando banco de dados específico.

A festividade é o ponto social de maior relevância para a comunidade. As pessoas aguardam ansiosas a chegada do mês de janeiro para o tradicional evento, que atrai inúmeras pessoas de outras localidades, em função da devoção ao Santo, ou não.

Fato curioso é que a festa em homenagem a Santo Amaro ocorre sempre no dia 15 de janeiro, não importando o dia da semana. Nesse ano, efeméride ocorreu em uma segunda-feira, onde a população local, de menos de 1.000 habitantes, triplicou. É dessa imaterialidade que buscamos o entendimento: o que faz as pessoas se deslocarem num dia útil para uma festa religiosa?

Ao questionar as pessoas da comunidade sobre a possibilidade da festa ser no fim de semana, o mesmo parece ser considerado uma blasfêmia, pois a data é algo considerado fundamental em ser mantido, dando a impressão que os “olhares do santo” não seriam os mesmos, no caso da mudança de data.

Na realidade existem coisas que não necessitam mensuração. A fé é uma destas. Cada pessoa é livre para ter ou não, independente do grau que cada um a deseja. Mas o que se objetiva é registrar e acompanhar os festejos em si, buscando na gama de imaterialidades que rodeiam a crença religiosa, a materialidade e a organização social de uma comunidade, como representantes de fatores importantes da identidade, da cultura e de certa forma, memória étnica. Percebe-se que para a comunidade, a fé em torno do Santo Amaro é um patrimônio que age como mediação entre os céus e a terra.

“As festas brasileiras em devoção aos milagrosos santos continuam atraindo multidões que chegam em romarias a pé, de carros ou em modernos ônibus. Há uma vivência do religiosos em íntima conjunção com o cultural, possibilitando muitas vezes a recuperação da própria identidade.” (GAETA. 1997:9)

Durante a festa, as barracas com vendas diversas, incluindo comidas, bebidas, lembranças e jogos de azar, são armadas no gramado, em torno do templo. Ao lado da Igreja está o Império (sendo mais um traço da herança luso-açoriana) e ao lado deste o salão paroquial, que mistura, em meio a muito calor, o pó, a dança, a música, a bebida e o namoro. Lado a lado, o espiritual e mundano dividindo os participantes. Tradicionalmente ocorre uma novena - nos nove dias que antecedem a festa - sendo que o cada dia uma ilha do Arquipélago dos Açores é homenageada, com dados sobre a mesma, e para qual evento vem muitas pessoas de diversos lugares. Em conversas com romeiros, constatou-se que inclusive existem

ônibus que percorrem as comunidades vizinhas e trazem os interessados para as noites de novena.

Na véspera da festa, ou seja, 14 de janeiro, ocorre à romaria entre General Câmara e Santo Amaro, num percurso de 16 km, onde pecadores e penitentes realizam uma alegre caminhada, sem nenhum tipo de orientação clerical, pagando promessas ou fazendo pedidos ao Santo, tendo a frente à bandeira de Santo Amaro e os membros da Irmandade. Ao conversar com essas pessoas, muitas declararam estar pagando promessas e outras afirmam ser algo que anualmente fazem, pois funciona como purificação ou os tornando aptos a serem protegidos pelo Santo.

Para as pessoas que não estão na caminhada, outros atrativos acontecem na Vila, entre os quais se destacam os “Ternos de Reis”, da tradição luso-açoriana, e que trazem para o palco pessoas muito simples, que apresentam cantigas ritmadas, e que não se tornam atrativos para os jovens. Na verdade, muda-se o entendimento desta expressão cultural.

“É justamente esse fazer humano de grande expressividade da comunidade que deve ser valorizado, pois este patrimônio é único dentro de cada grupo e a comunidade passa a entender melhor o seu presente e o passado. O reconhecimento da importância dos elementos imateriais na constituição do patrimônio cultural tem servido, entre outras coisas, para lhe agregar mais servido, entre outras coisas, para lhe agregar mais sentido e significado e aproximá-lo mais do cotidiano das sociedades.” (CASTRO, 2006:6)

No mesmo dia 14, ao cair da noite, ocorre a romaria luminosa, dentro da Vila, com um padre que guia os fiéis com orações e cantigas, e onde todos carregam velas nas mãos. É algo ímpar para quem vê de longe. Interessante é que os romeiros da caminhada de 16 km se juntam a essa luminosa e seguem finalizando sua tarefa ao chegarem na Igreja.

O grande dia chega. A alvorada festiva anuncia o dia de Santo Amaro. É 15 de janeiro! A imagem do santo fica exposta para a apreciação dos devotos, que oram e doam flores. Essas flores, tanto naturais como artificiais, são utilizadas pelas mulheres da comunidade, e em especial dos membros da irmandade, para ornar o andor do Santo para a procissão. Fato interessante é observar a necessidade de toque na imagem do Santo, inclusive com mães colocando as mãos de seus pequenos filhos.

Ocorre ao longo do dia, o transcorrer da festa, e em meio a isso o leilão de animais doados, ao ar livre, onde as pessoas adquirem os mesmos para auxiliar a comunidade religiosa.

Neste dia acontece a missa oficial – que neste ano em função das restaurações foi campal - e a procissão do santo. Na ocasião, muitas pessoas caminharam sobre a

pavimentação escaldante com os pés descalços ou ainda carregando crianças vestidas de anjinhos.

Após a procissão ocorre uma grande disputa pelas flores que enfeitam o andor e pelas fitas do Santo, ambas distribuídas pelos membros da irmandade para a população que se acotovela no intuito de ser abençoados com tais relíquias. O momento de espiritualização é trocado pela necessidade de se ter, por mais um ano, a proteção material do Santo.

Como nos dias de véspera, após a procissão, prosseguem os festejos, onde as pessoas menos religiosas se entregam à música e à bebedeira, numa demonstração humana e pecadora. Nisso fica claro que a despreocupação dos participantes com a falta de estrutura do local. Não existem banheiros públicos, nem restaurantes ou bares devidamente organizados para receber tantas pessoas, sendo o atendimento fraco e ineficiente para tantas pessoas que ficam à espera.

De acordo com GONÇALVES (2004:2), a importância de estudos, como o presente, está muito presente na atualidade. “Desse modo, estudos antropológicos e históricos modernos deslocaram sua atenção dos “traços culturais” que distinguiriam essas festas, assim como de seu processo de difusão, para as funções sociais e simbólicas que elas desempenham em determinadas sociedades e períodos históricos

4. A continuidade das ações

A análise e o acompanhamento deverá ser um processo feito junto à comunidade, peça fundamental e para quem se reverterá os resultados. Na verdade, este será feito em forma de uma pesquisa a ser realizada pelo Núcleo de Cultura de Venâncio Aires para identificar, historicizar e documentar o patrimônio imaterial de Santo Amaro como um todo. Este trabalho de pesquisa permitirá reunir um conjunto de informações.

É inegável, acima de tudo, que a realização do mesmo irá favorecer a preservação deste bem imaterial frente a processos de atualização e reformulação do mesmo. Ressalta-se, ainda, que este projeto apresenta mecanismos claros e eficazes de disponibilização do material pesquisado, seja através do banco de dados, que ficará a disposição dos pesquisadores e da comunidade em geral, seja através de material produzido e disponibilizado em forma de impressos, mídias, ou ainda nos cursos, palestra e exposições.

A principal diferença deste projeto é seu ineditismo e singularidade, pois não existe nenhum estudo similar no estado do Rio Grande do Sul, que abarque esta cultura imaterial, sendo necessário realizar o resgate histórico acerca da importância da Vila de Santo

Amaro no povoamento do Rio Grande do Sul e os processos que as festividades passaram ao longo dos tempos.

Com isso, deverá ocorrer um desenvolvimento de ações junto à comunidade local, como projetos educativos, apoiados na metodologia de educação patrimonial, com meta de aproximação consciente entre a população, a história e a cultura da localidade; contribuindo para a apropriação e transmissão dos conhecimentos envolvidos e relacionados com este patrimônio.

Desta forma, poderá ocorrer um preparo local para o incremento do turismo cultural, buscando criar estrutura apta a receber pessoas interessadas em conhecer toda a cultura local, e que terão a seu dispor jovens capacitados para o trabalho de pesquisa e transmissão de conhecimentos relacionados com a finalidade deste, levando os mesmo a ser tornarem transmissores (guias culturais).

Referências:

CASTRO, Claudiana y. A importância dos imaginários na revitalização do patrimônio cultural imaterial: feira dos sonhos de inverno de Rio Pardo – RS. 2006. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/19450> . Acesso em 02/05/2007, as 15h14min

CLETISON, Joi, *Festa do Divino Espírito Santo*. UFSC, 2006 p. 3. Disponível em: http://www.nea.ufsc.br/artigos_joi.php. Acesso dia: 15/10/2006. Às 15:20.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira. A cultura clerical e a folia popular. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200010 . Acesso em 17/01/2007, as 14h30

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, Memória e Etnicidade: reinvencões da cultura açoriana. 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/JoseReginaldoGoncalves.pdf> Acesso: 17/01/2007, as 14h55min.

ISHAQ, Vivien. *Irmandades*.

<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=297&sid=36>, Acesso em 17/01/2007, as 15h,

RODRIGUES, Francisco Pereira. Um pedaço do Rio Grande. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 1995.

Fontes:

Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul - AHRGS. Códice 1180- Provedoria 1765/74. fls. 25-26; Códice F1180. maço 1765-74. fls 211 a 230; Códice F1180 - Provedoria da Real Fazenda - maço 1765. pg.229-230